

**CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO SUCROALCOOLEIRA NA
MICRORREGIÃO CERES – GO: uma abordagem sobre as políticas, a
safra e a obtenção de terras**

*CARACTERÍSTICAS DE LA PRODUCCIÓN DE CAÑA DE AZÚCAR EN
LA MICRO REGIÓN CERES - GO: un enfoque sobre las políticas, la
cosecha y adquisición de la tierra*

*CHARACTERISTICS OF PRODUCTION SUGAR-ALCOHOL OF
MICROREGION CERES - GO: an approach to the policies, the crop and
land acquisition*

Lara Cristine Gomes Ferreira

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás e Geógrafa do Laboratório de Estudos e
Pesquisas das Dinâmicas Territoriais (LABOTER/IESA/UFG)
Campus Samambaia – Caixa Postal 131, CEP 74.001-970 – Goiânia-GO
E-mail: laracristineufg@yahoo.com.br

João Batista de Deus

Professor Doutor do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA)
da Universidade Federal de Goiás (UFG)
E-mail: deus@iesa.ufg.br

Resumo

A microrregião Ceres destaca-se no Centro Goiano na produção de cana-de-açúcar e na quantidade de empreendimentos sucroalcooleiros, sendo 6 em funcionamento e 5 em processo de cadastro/implantação. Algumas políticas públicas destacaram-se no processo de uso e ocupação dessa região; algumas influenciaram sobremaneira a expansão canavieira, bem como a implantação de empreendimentos sucroalcooleiros; podem-se citar: a CANG, o Proálcool, e os Programas de incentivos fiscais, como o Fomentar e o Produzir. A dinâmica do município e região, a qual o empreendimento está instalado é modificada pela atividade canavieira; um exemplo claro é a dinâmica de obtenção de terras para o cultivo da cana, que perpassa as fronteiras dos municípios sede das usinas, ou seja, os municípios vizinhos produzem cana, por meio de arrendamentos de terras, para serem beneficiadas nos municípios que contêm usinas. Os arrendamentos acabam beneficiando os produtores com grandes propriedades rurais, além de ser fator para o êxodo rural e outras consequências negativas, como o desemprego estrutural do pequeno produtor na cidade.

Palavras chave: Produção sucroalcooleira, microrregião Ceres (GO), produção de álcool e açúcar, obtenção de terras.

Resumen

El micro región Ceres se destaca en el centro Goiano en la producción de caña de azúcar y la cantidad de azúcar / alcohol empresas, son seis en funcionamiento y cinco en el

proceso de registro/implantación. Algunas políticas públicas se han distinguido en el proceso de uso y ocupación de esta región, algunos muy influido la expansión de caña de azúcar, así como la creación de empresas de azúcar / alcohol; se puede citar: la CANG, Proálcool, y programas de incentivos fiscales tales como Fomentar y Produzir. La dinámica de la ciudad y la región, lo qual lá empresa es instalada es modificada por el cultivo de caña de azúcar, un claro ejemplo es la dinámica de obtención de tierras para el cultivo de caña de azúcar que impregna los límites de los municipios de las plantas, es decir, los municipios vecinos sembrar caña de azúcar, a través de arrendamientos de tierra que se beneficiaron en los condados que contienen las plantas. El arrendamiento termina beneficiando a los productores con grandes propiedades rurales, además de ser un factor para el éxodo rural y otras consecuencias negativas, tales como el desempleo estructural de los pequeños productores en la ciudad. Palabras clave: producción de caña de azúcar, micro región Ceres (GO), producción de azúcar y alcohol, adquisición de tierras.

Abstract

The microregion Ceres highlights in the center Goiano in production of cane sugar and number of new sugar-alcohol industries, are six in operation and five in process of registration/deployment. Some public policies have distinguished themselves in the use and occupation of this region, some greatly influenced the sugarcane expansion and deployment of sugar-alcohol industries; can cite: the CANG, Proalcohol, and incentive tax programs such as Fomentar and Produzir. The dynamics of the city and region, which the industry is installed is modified the cultivation of sugarcane, a clear example is the dynamic of acquisition land for sugarcane cultivation which pass the borders of municipalities of the industries, or the neighboring cities produce sugar, through leases of land to be benefited in the counties that contain industries. The lease eventually benefit farmers with large landholdings, and a contributor to the rural exodus and other negative consequences, such as structural unemployment of a small producer in the city. Keywords: sugarcane production, microregion Ceres (GO), sugar and alcohol production, acquisition of land.

Introdução

A partir do ano de 2005, passou-se a observar uma nova expansão da cultura canavieira no Brasil, onde se destaca a produção de etanol, devido à demanda mundial por novas fontes de energia, mais baratas e renováveis. Dentro dessa recente expansão, o estado de Goiás configura-se em área favorável ao cultivo canavieiro, especialmente quando se observa fatores de ordem econômica (as terras são mais baratas; infraestrutura implantada; vantagens locais, posição geográfica estratégica) e geoambiental (clima, declividade e classes de solo favoráveis).

Em Goiás, algumas microrregiões destacam-se na produção de cana e quantidade de empreendimentos implantados e em processo de implantação. A microrregião Ceres corresponde à microrregião do centro goiano que possui maior quantidade de empreendimentos sucroalcooleiros instalados e em processo de instalação/cadastro; são um total de 11 usinas; destas, 6 encontram-se em funcionamento, 3 em processo de implantação e 2 em cadastro.

É importante ressaltar que a microrregião Ceres apresenta um histórico sócio-econômico relacionado à atividade canavieira, pois a primeira usina instalada na região data de fins da década de 1960 e, a partir disso, algumas usinas foram implantadas, desativadas, reativadas, inseridas em contextos distintos, como a origem e a crise do Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL), por exemplo.

É importante destacar que os municípios que contêm empreendimentos sucroalcooleiros implantados, bem como os municípios adjacentes, têm sua dinâmica modificada por essa atividade. Exemplo disso é a dinâmica de obtenção de terras para o cultivo da cana-de-açúcar, que acontece em sua maioria na microrregião Ceres, por meio dos arrendamentos de terras, o que acaba por envolver outros municípios e não somente aqueles que possuem usinas.

De forma geral este trabalho buscou abordar as principais características da produção sucroalcooleira na microrregião Ceres, discutindo questões relevantes como as principais políticas públicas envolvidas no processo de expansão canavieiro para essa região, as principais características da safra e a dinâmica de obtenção de terras para o cultivo da cana. Este trabalho é parte da dissertação de mestrado da referida autora, e para o desenvolvimento do capítulo o qual foi retirado essas considerações, foram necessárias as seguintes etapas: levantamento de referencial bibliográfico e de dados, visitas técnicas às usinas (com aplicação de questionário), tabulação e espacialização dos dados.

Microrregião Ceres – GO: principais políticas relacionadas ao uso canavieiro

A microrregião Ceres (figura 1) está localizada no centro goiano e é constituída por vinte e dois municípios. A ocupação desta região coincide com a ocupação mais intensiva do Cerrado, que foi viabilizada através da “Marcha para o Oeste” (Política do

Governo Vargas) na década de 1930. Segundo Estevam (1997), a “Marcha para o Oeste” buscou ocupar as áreas vazias do território brasileiro e, ao mesmo tempo, articular meios de transporte visando à abertura de "escoadouros" para a produção nacional.

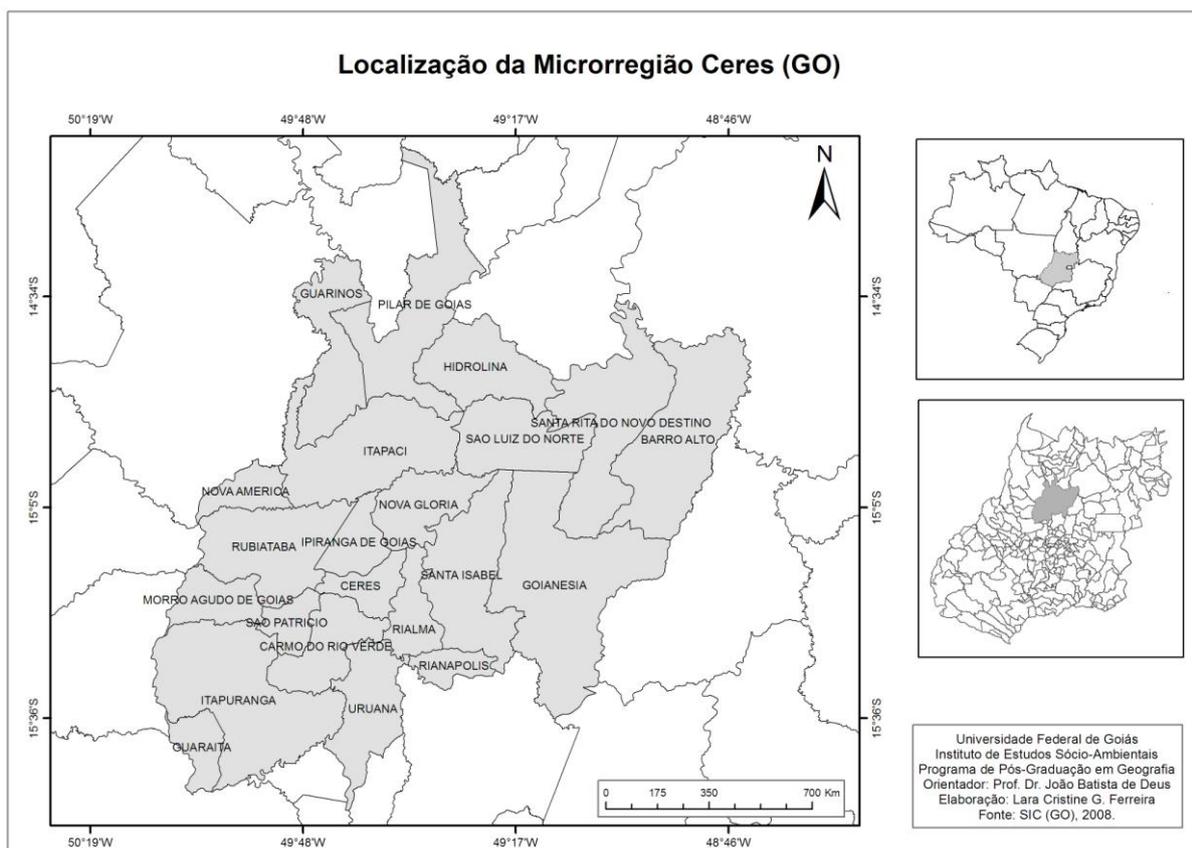


Figura 1: Localização da Microrregião Ceres – GO.

Um dos projetos da “Marcha para o Oeste” responsável pela ocupação da microrregião Ceres, foi a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG). Esse projeto buscou, de modo geral, promover uma maior integração nacional, por meio da expansão da fronteira agrícola. Em todo o território nacional foram instaladas oito Colônias; a Colônia goiana foi a primeira instalada no Brasil, na região do Vale do São Patrício, tendo sua sede onde hoje se localiza o município de Ceres.

A área foi escolhida de modo a abranger terra fértil ao norte de Goiânia e Anápolis, sendo esta diretamente integrada através de uma estrada de rodagem, aberta pelo Governo Federal, a qual impulsionou certa integração territorial em um trecho da

futura BR 153, conhecida como Belém-Brasília. A CANG foi grande responsável pela ocupação da microrregião Ceres, principalmente através de migrações.

A CANG apresentou muitos de seus objetivos frustrados, mas teve função significativa no que se refere à ocupação, fixação do homem a terra e promoção da expansão da fronteira agrícola, por meio de uma agricultura moderna, além de ser considerada o principal projeto da “Marcha para o Oeste” no que se refere à ocupação da microrregião estudada.

Um outro contexto fundamental de transformações econômicas e sociais para o Cerrado, conseqüentemente para região estudada, foi a década de 1970. Os Planos Nacionais de Desenvolvimento (PNDs), surgidos nesta década, foram divididos em três etapas: I PND (1972-1974); II PND (1975 – 1979); e III PND (1980-1985), que dentre suas várias metas tinham como um dos focos principais organizar o território brasileiro, com base em uma lógica geopolítica, que buscava integrar os “vazios nacionais”, principalmente o Centro-Oeste e a Amazônia, de forma rápida e combinada.

Em particular, o II PND destaca-se para o Cerrado pela criação de projetos que favoreciam diretamente a ocupação e o desenvolvimento dessa região, como por exemplo, o Programa de Desenvolvimento das Áreas de Cerrado (POLOCENTRO) e o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER).

Um Outro programa que contribuiu para o crescimento do uso agrícola e ocupação de Goiás, e agora muito diretamente para a microrregião Ceres, foi o Programa Nacional do Álcool – PROÁLCOOL – criado no Brasil no ano de 1975, primeiramente num contexto de crise do mercado internacional do açúcar, que provocou grandes prejuízos aos usineiros brasileiros. A origem do Proálcool esteve vinculada à intenção de tornar o mercado favorável para os produtores de cana-de-açúcar, por meio de incentivos à produção de álcool carburante (buscando substituir, naquele momento a produção de açúcar por álcool), bem como resolver o problema de abastecimento interno de combustível, o qual começava a ser sentido, devido à crise mundial do petróleo em 1973.

Os incentivos do Proálcool trouxeram como consequência o rápido desenvolvimento das agroindústrias sucroalcooleiras, bem como da expansão das lavouras canavieiras. Observa-se então, que várias usinas foram instaladas neste

contexto, podem-se exemplificar com as usinas da microrregião Ceres: Pite S/A (em Itapuranga), Devale (Itapaci), Usina Goianésia e Jalles Machado (ambas em Goianésia) e Carval (em Carmo do Rio Verde), instaladas, a primeira, no final da década de 1970 e as demais no decorrer da década de 1980.

Outros Programas foram fundamentais para a atração de indústrias e agroindústrias para o estado de Goiás: o Fundo de Participação e Fomento a Industrialização de Goiás – FOMENTAR – por exemplo, foi instituído pelo Governo do estado de Goiás no ano de 1984, no âmbito da “Guerra Fiscal”¹ e objetivava atrair grandes empresas e indústrias para Goiás, baseado na isenção temporária do pagamento de 70% sobre o ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviço).

Os financiamentos das empresas industriais e agroindustriais, beneficiadas com este programa, deveriam ser resgatados no prazo de 5 anos, com 2 anos de carência. Considerando-se que no ano de sua concepção a inflação já era superior a 223% ao ano, atribuir correção monetária a essa parcela praticamente se constituiria em isenção fiscal, pois a deterioração da dívida se tornava um benefício indireto concedido ao empreendedor (SILVA, 2002).

Algumas usinas, especialmente as mais antigas no estado, obtiveram auxílio do Fomentar, podem-se citar os casos das usinas: Goianésia, Jalles Machado e Vale Verde de Itapaci (vinda do estado de Pernambuco – Grupo Farias, que recebeu incentivos do Fomentar para reativar o empreendimento do Grupo Devale, neste município, que ficou fechado por oito anos), instaladas na microrregião Ceres, as duas primeiras nos anos 1980 e a última em 2002.

A primeira usina instalada no município de Goianésia data de 1968, trata-se da Sociedade Açucareira Monteiro de Barros, que foi adquirida no ano de 1989 pelo Grupo Matari, de Pernambuco; este recebeu incentivos do Fomentar para a instalação da agroindústria neste município. O mesmo ocorreu na usina do Grupo Devale, instalada em Itapaci, no ano de 1982, que também recebeu incentivos deste Programa, mas permaneceu em funcionamento no município por apenas 12 anos, sendo desativada em 1994; e na usina Carval de Carmo do Rio Verde, que mesmo sendo uma usina formada por empresários locais, tiveram auxílios para sua implantação.

¹ Competição acirrada entre Estados e municípios pela instalação de novas indústrias, ou mesmo pela transferência das já existentes, possibilitada, principalmente, pela isenção fiscal e investimentos por parte do governo à indústria (SANTOS E SILVEIRA, 2001).

No ano 2000, foi criado o Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás – PRODUZIR – que primeiramente teve a intenção de substituir o Fomentar já que a princípio o prazo para este expirar era de apenas 10 anos. Mas, este prazo foi prorrogado para o ano 2020, tanto para o Fomentar quanto para o Produzir, segundo entrevista à Secretaria de Indústria e Comércio de Goiás (SIC-GO, 2009).

Em linhas gerais, o Produzir trata-se de um incentivo financeiro de apoio às indústrias, com base no faturamento e arrecadação tributária. O Produzir visa amparar principalmente projetos industriais direcionados à implantação de novos empreendimentos; expansão e diversificação da capacidade produtiva; modernização tecnológica; gestão ambiental; revitalização de unidade industrial paralisada. Em síntese, características que estimulam a implantação e/ou reativação (como observado nesta microrregião) das agroindústrias da cana, bem como a competitividade e a capitalização no campo.

Resumidamente, o Fomentar recolhe 30% e os restantes 70% (que a usina é temporariamente isenta) serão pagos em leilão, porém este percentual é negociado, o que acaba diminuindo muito o valor. E o Produzir recolhe 27% e deixa de recolher 73%; destes, 10% vão para o FUNProduzir, que corresponde ao Fundo da Agência de Fomento de Goiás que serão revertidos em outros programas do governo, relacionados ao esporte, cultura e para a própria Secretaria de Indústria e Comércio (SIC), para fornecer créditos aos empreendimentos e microempresas.

Na microrregião Ceres, o Produzir incentivou a implantação de novas usinas, bem como aqueles Grupos empresariais que adquiriram as usinas que já existiam nos municípios. São exemplos disso, a Vale Verde de Itapuranga (que reativou, em 2007, a destilaria Pite S/A); a Cooper Rubi de Rubiataba (que, instalada em 1984, começou com o Fomentar e atualmente migrou para os incentivos do Produzir); e a CRV Industrial, pertencente ao Grupo Japangu da Paraíba, que reativou em 2001 a usina no município de Carmo do Rio Verde (Carval).

A tabela 1 mostra o investimento fixo e o crédito concedido pelos Programas de incentivos, Fomentar e Produzir, para os empreendimentos sucroalcooleiros da microrregião Ceres. O investimento fixo refere-se ao montante disponibilizado para a etapa de montagem da usina/destilaria, ou seja, para a construção e compra de

equipamentos; já o crédito refere-se ao valor concedido para o empreendimento gastar até o período de vigência dos Programas, ambos até 2020.

Observa-se na tabela 1 que a Jalles Machado recebeu maior investimento fixo, isso se justifica, pois corresponde ao empreendimento sucroalcooleiro que possui a estrutura mais complexa da microrregião Ceres; e a Cooper Rubi, corresponde ao empreendimento que recebeu menor quantia em investimento fixo, devido ao fato desta usina já ter recebido incentivos do Fomentar e posteriormente ter migrado para o Produzir, assim, este montante de 6 055.972,00 reais, corresponde a complementação da implantação desta usina.

Tabela 1: Empreendimentos sucroalcooleiros aprovados pelo Fomentar/Produzir – Microrregião Ceres - GO

Usinas com projetos aprovados pelo Fomentar / Produzir – Microrregião Ceres / GO				
<i>Empreendimento</i>	<i>Município</i>	<i>Programa</i>	<i>Investimento Fixo R\$</i>	<i>Crédito R\$</i>
Jalles Machado	Goianésia	Fomentar	66.358.023,00	277 029.778,34
Goianésia	Goianésia	Fomentar	59 320.019,00	170 871.851,54
Vale Verde	Itapaci	Fomentar	48 068.941,00	193 921.019,06
CRV Industrial	Carmo do Rio Verde	Produzir	27 910.274,00	120 688.836,26
Vale Verde	Itapuranga	Produzir	33 724.863,00	396 616.045,18
Cooper Rubi	Rubiataba	Produzir	6 055.972,00	246 324.485,98

Fonte: Entrevista à Secretaria de Indústria e Comércio de Goiás (SIC), 2009.

Observa-se então, que a microrregião Ceres recebeu incentivos para a atração de agroindústrias sucroalcooleiras, pelos Programas de incentivos fiscais do Governo Estadual, tanto pelo Fomentar, principalmente durante as décadas de 1980 e 1990 (porém têm-se ainda alguns empreendimentos recebendo os créditos deste Programa), incentivando a implantação de algumas das primeiras usinas desta microrregião, e posteriormente pelo Produzir, que incentivou a reativação de algumas usinas, assim como possivelmente, contribuirá no financiamento das novas usinas propostas.

Características da Safra da Cana-de-Açúcar e a Produção Sucroalcooleira na Microrregião Ceres

A cana-de-açúcar é considerada uma cultura semi-perene, pois após o plantio é colhida várias vezes antes de ser replantada. Após o primeiro corte, que é denominado de cana-planta, o canavial será colhido em média quatro vezes, a chamada cana soca, a partir da rebrota da cana cortada (denominada de soqueira). Assim, o ciclo produtivo da cana é, em média, de aproximadamente cinco anos.

O corte da cana, realizado no período da safra, ainda requer muita atenção, pois em muitas usinas há a colheita na forma tradicional, ou manual, que requer a queima prévia do canavial. A queima da cana entra em particularidades, como os sérios impactos ambientais (principalmente atmosféricos), além do árduo e perigoso trabalho dos cortadores de cana. Contudo, a colheita da cana-de-açúcar no Brasil tende a ser mecanizada, devido à legislação (Federal e Estadual) que estabelece cronogramas para a redução e fim das queimadas nos canaviais. A Legislação Federal em vigor é o Decreto nº. 2.661/1998, contido no Código Florestal, que prevê o fim da queima definitiva da cana-de-açúcar no ano de 2018.

Durante o processamento, a cana colhida através do corte manual (cana inteira), é normalmente lavada para diminuir as impurezas que afetam negativamente seu processamento. A figura 2 mostra a área nas usinas em que é realizado esse processo de descarregamento da cana cortada manualmente e a lavagem. Em relação ao corte mecanizado (cana picada) a cana não pode ser lavada, pois as perdas de sacarose seriam muito elevadas, porém já existem usinas que estão começando a utilizar o sistema de limpeza a seco, baseado em jatos de ar sobre a planta.

A extração dos açúcares contidos na cana pode ser realizada através de dois processos: a moagem e a difusão. O processo de moagem é o mais utilizado no Brasil, onde se extrai o caldo e também se produz o bagaço, que ao final do processo será utilizado como combustível nas caldeiras, através do processo de co-geração de energia.



Figura 2: Local da usina em que é realizado descarregamento da cana e lavagem. Itapaci, 13 de maio de 2009. Foto: Lara C. G. Ferreira.

O caldo de cana, quando sai do processo de extração, contém uma quantidade de impurezas que devem ser reduzidas para deixar o caldo numa qualidade adequada para seu processamento na fábrica de açúcar e na destilaria. A primeira fase do tratamento é destinada à remoção, por meio de peneiras, dos sólidos insolúveis (areia, bagacilho, etc.) cujos teores variam entre 0,1 e 1%. A segunda fase é o tratamento químico que visa remover as impurezas insolúveis, que não foram eliminadas na fase anterior, e as impurezas coloidais e solúveis; este processo visa à coagulação, floculação e precipitação dessas impurezas, que são eliminadas por sedimentação. É necessário, ainda, fazer a correção do pH para evitar inversão e decomposição da sacarose. A partir daí o caldo tratado pode ser enviado tanto à usina para a fabricação de açúcar quanto à destilaria para a produção de álcool.

Produção de Açúcar e Álcool na Microrregião Ceres

A microrregião Ceres apresenta seis usinas em funcionamento. A primeira usina instalada na microrregião Ceres foi a Sociedade Açucareira Monteiro de Barros, no ano de 1968, onde atualmente funciona a usina Goianésia. Esta usina está em funcionamento

com o Grupo atual desde 1989, onde produz: açúcar, dos tipos VHP², cristal, refinada e refinada K³; e álcool, anidro e hidratado, sendo que destes, o açúcar corresponde ao principal produto da usina, numa proporção de aproximadamente 95% de açúcar e 5% de álcool. Segundo Romero Pedrosa⁴, o equipamento da destilaria desta usina é bastante limitado, devido a isso, suas relações se estreitaram, ao longo do tempo, mais com o mercado nacional e internacional do açúcar, sendo exportadores do açúcar VHP para Dubai, nos Emirados Árabes.

A tabela 2 apresenta os dados da produção de açúcar e álcool da usina Goianésia. Observa-se que a produção de açúcar mostrou crescimento entre as safras consideradas, exceto na safra 2006/07, quando ocorre uma maior demanda por álcool (etanol). Desta forma, quando se considera a produção de álcool tem-se um crescimento positivo em todas as safras apresentadas, atingindo na safra 2006/07 uma produção de 23.000,000 de litros de álcool.

Tabela 2: Produção de açúcar e álcool, por safras – usina Goianésia

Safras	Açúcar (sacos de 50 Kg)	Álcool (l)
1990/91	318.744	6.779,481
2000/01	1.186,213	11.220,374
2002/03	1.840,000	15.841,000
2005/06	2.083,416	17.978,746
2006/07	1.968,000	23.000,000

Fonte: Trabalho de campo na usina Goianésia – dia 07 de maio de 2009.

A usina Jalles Machado, instalada em 1983 em Goianésia, pela família do ex-governador do estado de Goiás, Sr. Otávio Lage, permanece em funcionamento até o presente momento, sendo a usina que mais tempo está instalada na microrregião Ceres (e em nenhum contexto foi desativada) e corresponde a usina mais dinâmica desta microrregião, no que se refere à produção de cana, álcool combustível (anidro e

² É o açúcar bruto (também conhecido como açúcar mascavo) é utilizado como matéria-prima para as refinarias de açúcar.

³ É o açúcar mais fino utilizado na indústria farmacêutica.

⁴ Diretor do setor de Administração Industrial da usina Goianésia, em entrevista cedida no dia 07 de maio de 2009.

hidratado), álcool industrial (para assepsia, líquido e em gel) e açúcar (dos tipos VHP, cristal e orgânica).

A tabela 3 mostra os dados de produção dos produtos citados nesta usina, desde sua primeira safra, em 1983, até o ano de 2007. A Jalles Machado iniciou sua produção na década de 1980 com o beneficiamento da cana somente em álcool combustível. A produção de açúcar teve início somente em 1993, no contexto das crises do Proálcool e instabilidade no preço do álcool e no ano de 2001 iniciou-se a produção de álcool industrial. Ressalta-se que a Jalles Machado é a única usina da microrregião Ceres que produz álcool industrial. Destaca-se que a demanda para a produção de álcool industrial, principalmente álcool em gel, cresceu muito no ano de 2009, devido a pandemia da gripe H1N1⁵ neste período.

Tabela 3: Produção de açúcar, álcool (combustível e em gel), por safras – Jalles Machado

Safras	Açúcar (sacos de 50 Kg)	Álcool (l)	Álcool em Gel (l)
1983/84	-	13.795,796	-
1984/85	-	30.040,351	-
1985/86	-	20. 196,611	-
1986/87	-	24. 954,996	-
1987/88	-	53. 317,653	-
1988/89	-	57. 229,412	-
1989/90	-	60. 854,635	-
1990/91	-	64. 616,243	-
1991/92	-	67. 920,440	-
1992/93	-	54. 580,095	-
1993/94	291. 496	53. 727,164	-
1994/95	737. 349	56. 852,251	-
1995/96	915. 329	64. 186,204	-
1996/97	1. 455,280	65. 316,303	-
1997/98	1. 651,967	66. 753,897	-
1998/99	1. 984,705	51. 667,876	-

⁵ Dado disponibilizado em entrevista à usina em outubro de 2009.

1999/2000	1. 757,443	29. 225,419	-
2000/01	2. 137,149	38. 393,114	-
2001/02	2. 394,518	36. 178,773	2. 855,118
2002/03	2. 224,148	45. 900,141	2. 458,864
2003/04	2. 470,430	54. 938,774	0
2004/05	2. 548,997	57. 090,199	2. 734,789
2005/06	2.679.380	58. 650,549	1.724.497
2006/07	2.988.341	62. 853,467	3.277.501

Fonte: Trabalho de campo na usina Jalles Machado – dia 01 de outubro de 2009.

A Vale Verde, no município de Itapaci, teve uma origem semelhante à usina Goianésia, pois em 1982 foi instalado em Itapaci um empreendimento de propriedade do Grupo Devale que funcionou até o ano de 1994. Após oito anos desativado o empreendimento foi adquirido, no ano de 2002, pelo Grupo Farias, de Pernambuco, com a razão social Vale Verde Empreendimentos Agrícolas. A Vale Verde de Itapaci trata-se de uma destilaria, pois realiza o processamento da cana-de-açúcar somente em álcool, dos tipos anidro e hidratado.

A produção de álcool combustível na destilaria Vale Verde (Itapaci) corresponde a maior produção da microrregião Ceres. Pode-se verificar na tabela 4 uma crescente produção de álcool nas safras consideradas, tendo como destaque um incremento de 30.685,000 de litros na safra 2003/04 e de 25.158,626 em 2006/07, chegando nesta safra, a uma produção de 97. 576,626 litros de álcool.

Tabela 4: Produção total de álcool (anidro e hidratado),
por safras – destilaria Vale Verde/Itapaci

Safras	Álcool (l)
2002/03	12.205,000
2003/04	42. 890,000
2004/05	62. 533,000
2005/06	72. 418,000
2006/07	97. 576,626

Fonte: Trabalho de campo na destilaria Vale Verde – dia 13 de maio de 2009.

No município de Itapuranga, o empreendimento instalado também pertence ao Grupo Farias de Pernambuco. Neste município, funcionou uma destilaria (Grupo Pite S/A) que permaneceu em Itapuranga de 1979 a 1990. O Grupo Farias, Vale Verde Empreendimentos, foi para este município somente no ano de 2007, fruto da nova expansão canavieira para o estado.

A destilaria Vale Verde de Itapuranga, também é produtora somente de álcool (anidro e hidratado). Observa-se que mesmo esta usina sendo recente na região, ela apresentou crescimento na produção de álcool nas safras consideradas, onde de cerca de 26 mil litros de álcool produzidos, atingiu-se a marca de quase 57 mil litros.

Tabela 5: Produção total de álcool (anidro e hidratado),
safra 2007/08 – destilaria Vale Verde/Itapuranga.

Safra	Álcool (l)
2007/08	26.462,13
2008/09	56.985,59

Fonte: Trabalho de campo na destilaria Vale Verde
(Itapuranga) – 08 de outubro de 2009.

A usina CRV Industrial de Carmo do Rio Verde foi adquirida pelo Grupo Japangu no ano de 2001, onde começou a funcionar primeiramente como uma destilaria, produzindo já na primeira safra (2001/2002) cerca de 15.400,000 litros de álcool (anidro e hidratado).

A partir da terceira safra (2003/04) iniciou-se também o beneficiamento da cana em açúcar (VHP e cristal). A tabela 6 mostra que a produção de açúcar apresentou oscilações entre as safras consideradas, mas obteve na safra 2007/08 sua maior produção, cerca de 1.350,000 (sacos de 50 Kg). Observa-se na produção de álcool um crescimento relevante na segunda safra, oscilações nas safras seguintes, e do mesmo modo da produção de açúcar, apresentou sua maior produção em 2007/08, com 66.815,000 litros de álcool.

Tabela 6: Produção de açúcar e álcool, por safras – usina CRV Industrial

Safras	Açúcar (sacos de 50 Kg)	Álcool (l)
2001/02	-	15.400.000
2002/03	-	54.000.000
2003/04	980.500	50.300.000
2004/05	934.150	51.120.000
2005/06	1.270.000	48.500.000
2006/07	1.112.400	66.815.000

Fonte: Trabalho de campo na usina CRV Industrial no dia 13 de junho de 2009.

O empreendimento Cooper Rubi, foi implantado no município de Rubiataba no ano de 1986, fruto dos incentivos do Proálcool. A origem desta destilaria foi dentro de uma cooperativa local que também trabalhava com a produção de leite; durante 17 anos, esta destilaria ficou sob direção integral de produtores locais, somente a partir de 2003 houve a separação da destilaria do laticínio, pois neste ano o Grupo Japangu da Paraíba (mesmos donos da CRV Industrial) passou a ser os donos majoritários da Cooper Rubi, contudo, ainda existem seis produtores locais que são integrantes desta cooperativa canavieira.

A tabela 7 mostra a produção de álcool da Cooper Rubi. Observa-se que este empreendimento apresenta a segunda maior produção de álcool combustível na microrregião Ceres, produzindo na safra, 2006/07, 74. 752 litros.

Tabela 7: Produção total de álcool, safras 1986 a 2007 – Cooper Rubi/Rubiataba

Safras	Álcool (l)
1986/87	9.142
1987/88	20.994
1988/89	17.822
1989/90	23.223
1990/91	25.700
1991/92	27.800
1992/93	22.084
1993/94	28.345
1994/95	25.766

1995/96	34.623
1996/97	40.104
1997/98	39.323
1998/99	34.440
1999/00	26.287
2000/01	19.867
2001/02	25.441
2002/03	30.357
2003/04	44,319
2004/05	54.560
2005/06	47.863
2006/07	74.752

Fonte: Trabalho de campo na Cooper Rubi – 10 de setembro de 2009

Obtenção de Terras para a produção canavieira

Durante a pesquisa observou-se que alguns municípios da microrregião Ceres apresentavam uma relevante produção de cana-de-açúcar, mesmo não possuindo empreendimentos sucroalcooleiros instalados, em alguns casos, a produção era maior que os próprios municípios que possuem usinas. Este é o caso dos municípios de Nova Glória (723.750 toneladas) e São Luiz do Norte (344.650 toneladas). A figura 3 mostra a espacialização da produção de cana nos municípios da microrregião Ceres, para o ano de 2007.

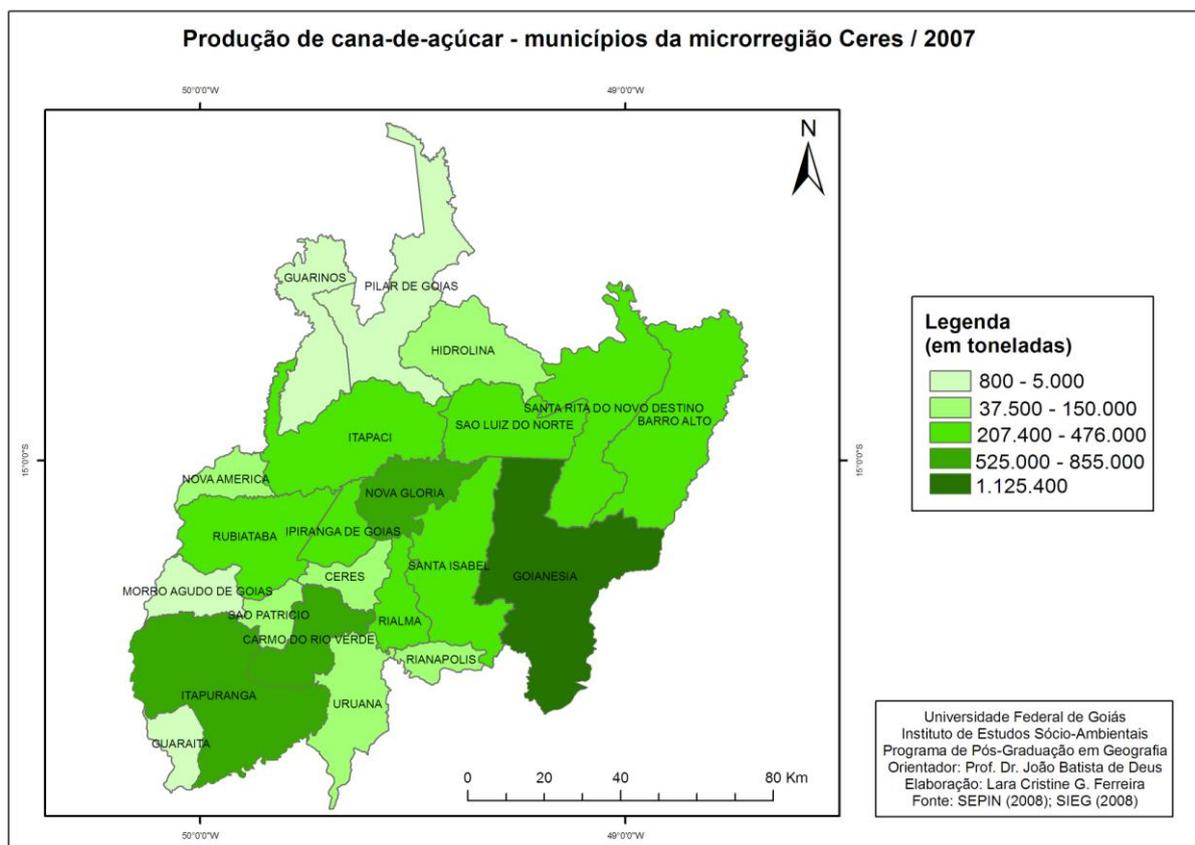


Figura 3: Produção de cana-de-açúcar nos municípios da microrregião Ceres / 2007. Fonte: SEPIN, 2008.

Esta relevante produção de cana-de-açúcar nesses municípios pode ser entendida por sua proximidade aos municípios beneficiadores da cana, pois participam da dinâmica de obtenção de terras para o cultivo da mesma, para o posterior processamento na agroindústria e isto ocorre, principalmente, por meio da relação de arrendamento e fornecimento de terras por terceiros (FERREIRA, 2010).

Essa dinâmica de obtenção de terras, por parte da usina, ocorre de modo geral, através de três formas: com terras próprias da usina; com terras arrendadas, ou seja, alugadas de outros produtores rurais, podendo ser pequenas, médias ou grandes propriedades; e por terceiros ou fornecedores, ou seja, os produtores locais produzem a cana por conta própria e a vendem para a usina.

A usina Goianésia possui 44,3% de terras próprias e 55,7% de terras arrendadas na produção de cana, não havendo fornecedores. As terras são arrendadas, além do próprio município de Goianésia, dos municípios de Santa Rita do Novo Destino, Barro Alto e Santa Isabel. Na usina Jalles Machado, a estrutura de obtenção de terras para o

cultivo da cana é formada por terras arrendadas, em sua maioria, com cerca de 60%, e terras próprias da usina, com os restantes 40%, não havendo fornecedores. Além do município de Goianésia, participam desta dinâmica, os municípios de Barro Alto, Santa Rita do Novo Destino, São Luiz do Norte (municípios da microrregião Ceres), Vila Propício e Pirenópolis (municípios pertencentes à microrregião Entorno de Brasília).

A destilaria Vale Verde, em Itapaci, possui as três formas de obtenção de terras para o cultivo da cana, sendo que aproximadamente 10% são cultivadas em terras próprias da usina, 15% em terras de fornecedores e 75% por arrendamentos. As terras arrendadas são do próprio município de Itapaci e dos municípios de Nova Glória, Santa Isabel, São Luiz do Norte e Ipiranga de Goiás. Destes, os municípios de Nova Glória, Itapaci e São Luiz do Norte, também participam como fornecedores de cana para esta usina.

Na destilaria Vale Verde, em Itapuranga, a dinâmica de terras ocorre em terras arrendadas e terras fornecidas por terceiros, não havendo terras próprias. Destas, cerca de 90% são de terras arrendadas e os restantes 10%, terras de fornecedores. Além de Itapuranga, os municípios de Uruana, Carmo do Rio Verde, Heitoraí e Itaberaí (os dois últimos pertencentes à microrregião de Anápolis) participam desta dinâmica.

Já na usina CRV Industrial, 10% das terras cultivadas com cana são de propriedade da usina e o restante (90%) são arrendamentos, não havendo, portanto, terras cultivadas por terceiros. Os arrendamentos ocorrem, em sua maioria, em terras do próprio município de Carmo do Rio Verde, os demais ocorrem nos municípios de Ceres, Rialma, Rianápolis e Uruana.

E por fim, a destilaria Cooper Rubi (Rubiataba) possui aproximadamente 96,7% de terras arrendadas para a produção de cana-de-açúcar e 3,3% em terras próprias da usina, não havendo o fornecimento por terceiros. Os municípios que participam desta dinâmica de produção de cana para esta usina, além de Rubiataba, são: Ipiranga de Goiás, Nova Glória, Rialma, Santa Isabel, Ceres, Carmo do Rio Verde e São Patrício (a tabela 8 sintetiza estes dados).

Tabela 8: Síntese da estrutura de obtenção de terras para o cultivo da cana – microrregião Ceres.

Usina/ Destilaria	Município sede	Estrutura de terras (%)			Municípios participantes
		Arrendadas	Próprias	Fornecedores	
Goianésia	Goianésia	55,7	44,3	-	Goianésia, Santa Rita do N. Destino, Barro Alto e Santa Isabel.
Jalles Machado	Goianésia	60	40	-	Goianésia, Barro Alto, Santa Rita do Novo Destino, São Luiz do Norte, Vila Propício e Pirenópolis.
Vale Verde	Itapaci	75	10	15	Itapaci, Nova Glória, Santa Isabel, São Luiz do Norte e Ipiranga de Goiás.
Vale Verde	Itapuranga	90	-	10	Itapuranga, Uruana, Carmo do Rio Verde, Heitorai e Itaberaí.
CRV Industrial	Carmo do Rio Verde	90	10	-	Carmo do Rio Verde, Ceres, Rialma, Rianápolis e Uruana
Cooper Rubi	Rubiataba	96,7	3,3	-	Rubiataba, Ipiranga de Goiás, Nova Glória, Rialma, Santa Isabel, Ceres, Carmo do Rio Verde e São Patrício.

Fonte: Trabalhos de campo aos empreendimentos da microrregião Ceres. (-) O empreendimento não possui esta opção na dinâmica de terras para a produção canavieira.

A partir dos dados apresentados pode-se entender o porquê de alguns municípios que mesmo não possuindo usinas se destacam na produção canavieira na microrregião Ceres. Essa relação de fornecimento de terras através dos arrendamentos, onde municípios vizinhos cultivam a cana para serem beneficiadas nos municípios que têm usinas, merece muita atenção, pois municípios que não possuem outra atividade econômica forte, como é o caso de Nova Glória e São Luiz do Norte, somente a produção de cana para outro município, podem desencadear graves impactos sócio-econômicos.

É fundamental se pensar que a principal atividade econômica destes municípios é a agricultura, e nesse caso, a produção canavieira; porém a dinâmica é basicamente de produção e transporte para as usinas de outros municípios. Assim, o que fica em termos sócio-econômicos para os municípios de Nova Glória e São Luiz do Norte, por exemplo? Esta é uma problemática bastante relevante nesses casos.

Outro problema é o fato da produção de cana acontecer, em sua maioria, na forma de arrendamentos; esta forma favorece o êxodo rural, pois raramente quando há o arrendamento o proprietário ainda fica residindo nas terras, e, conseqüentemente, o desemprego estrutural, deste produtor, na cidade.

Segundo Elias (2003), em estudo a região de Ribeirão Preto (SP), centenas de pequenos agricultores não resistiram às pressões econômicas e venderam suas terras aos usineiros, abandonando a policultura e propiciando a expansão da monocultura canavieira.

Outro grave problema relacionado aos arrendamentos de terras são os valores pagos aos proprietários; geralmente, o produtor que arrenda suas terras para a usina, sobrevive com este valor, já que é necessário arrendar uma área considerável para o valor pago ser suficiente para ao sustento de sua família, bem como, se o produtor migrar para a cidade, normalmente este não possui qualificação profissional para ingressar, como mão-de-obra, em uma atividade urbana. Os valores dos arrendamentos são pagos anualmente, mas o valor total pode ser dividido e pago mensalmente, quando se trata de uma grande propriedade, este aluguel pode ser suficiente, porém quando se tratam de pequenas propriedades, este valor chega a ser irrisório, cerca de 350 / 400 R\$/ha/ano⁶.

Podem-se observar na tabela 9, os dados de área plantada (ha) de cana nos municípios da microrregião Ceres. O município de Goianésia, que contém duas usinas em funcionamento (e um anexo da Jalles Machado previsto para funcionar em 2011), é o município que possui maior área plantada de cana-de-açúcar na microrregião, apresentando, no ano de 2007, cerca de 13.240 ha plantados.

⁶ Valor disponibilizado por André Avellar – Gerente administrativo e financeiro da destilaria Vale Verde Empreendimentos Agrícolas de Itapaci.

Tabela 9: Área plantada (ha) de cana-de-açúcar nos municípios da microrregião Ceres (GO) / 2007.

Municípios	Área com cana (ha)	Área do município (Km ²)
Goianésia	13.240	1.547,650
Nova Glória	9.650	412.975
Itapuranga	9.500	1.277,160
Carmo do Rio Verde	7.000	455.924
Rubiataba	6.800	748.273
São Luiz do Norte	5.650	586.060
Itapaci	4.800	956.126
Rialma	4.800	268.958
Barro Alto	4.540	1.093,243
Santa Isabel	4.150	806.814
Ipiranga de Goiás	3.300	241.464
Santa Rita do Novo Destino	2.440	956.037
São Patrício	2.000	134.518
Uruana	1.900	522.127
Hidrolina	1.606	580.386
Rianápolis	1.050	159.345
Ceres	900	213.497
Nova América	500	212.023
Morro Agudo de Goiás	100	282.615
Guaraíta	40	205.306
Guarinos	20	595.865
Pilar de Goiás	20	906.648

Fonte: SEPIN, 2008

Em seguida tem-se o município de Nova Glória com 9.650 ha em cana-de-açúcar. A área plantada de cana em Nova Glória serve a destilaria Vale Verde de Itapaci e a Cooper Rubi, de Rubiataba. Essa mesma relação ocorre em outros municípios, como por exemplo: São Luiz do Norte, com 5.650 ha plantados, que irão para Itapaci (Vale Verde) e Goianésia (Jalles Machado); Rialma, com 4.800 ha que servem a CRV Industrial (Carmo do Rio Verde) e a Cooper Rubi (Rubiataba); Barro Alto, com 4.540 ha, que serão beneficiados nas usinas Goianésia e Jalles Machado; e Santa Isabel, 4.150 ha, que serão processados nas usinas Vale Verde (Itapaci) e Goianésia.

Considerações Finais

A microrregião Ceres é uma das microrregiões do estado de Goiás com maior quantidade em empreendimentos sucroalcooleiros implantados e em processo de implantação, além de possuir relevante área plantada com cana-de-açúcar. Ressalta-se que, no centro goiano, é a microrregião que mais se destaca nesse contexto.

Diante disso, observou-se que políticas públicas como o Proálcool, foram fundamentais para a expansão da lavoura canavieira para esta região, bem como os programas de incentivos fiscais do estado, como o Fomentar e o Produzir, para a atração das agroindústrias sucroalcooleiras ou mesmo a reativação de alguns empreendimentos já desativados.

Outra questão muito importante é a influência das agroindústrias sucroalcooleiras na dinâmica do município e região em que estão inseridos. Dentre alguns exemplos, abordou-se a dinâmica de obtenção de terras para o cultivo canavieiro. Essa discussão remete à geração de impactos sócio-econômicos negativos já que quando o município produz uma quantidade muito grande de cana-de-açúcar, mas toda essa produção vai ser beneficiada em usinas de municípios vizinhos, como é o caso de Nova Glória, São Luiz do Norte e Uruana, grande parte da arrecadação financeira, bem como a dinâmica econômica, ocorre no município que possui a usina, deixando para o município que somente arrenda a terra para a produção, uma estagnação econômica (principalmente quando não há outra atividade econômica forte, como é o caso dos municípios citados).

O arrendamento de terras também é um grande impacto, já que a melhor forma de obtenção de terras para o cultivo da cana seria por fornecedores/terceiros, já que a cana seria produzida pelo proprietário e vendida à usina e não alugada para a usina por valores tão baixos. Desta forma, o arrendamento de terras somente é uma boa opção financeira para os grandes proprietários rurais, o que aumenta a desigualdade na renda e valoriza as grandes extensões de terras cultivadas com cana-de-açúcar (monoculturas).

Referências Bibliográficas

ELIAS, D. **Globalização e Agricultura: A Região de Ribeirão Preto-SP**. São Paulo: EDUSP, 2003. 400 p.

ESTEVAM, L. A. **O Tempo da Transformação: Estrutura e Dinâmica da Formação Econômica de Goiás.** 1997. 203 p. Tese em Economia, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 15 de agosto de 1997.

FERREIRA, L. C. G. **A Evolução do Setor Sucroalcooleiro na Microrregião Ceres (GO): Dinâmica Espacial e Impactos Sócio-Econômicos.** 2010. 136 p. Dissertação em Geografia. Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 30 de março de 2010.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2001. 471 p.

SEPIN. Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação. **Estatísticas Municipais.** Disponível em www.seplan.go.gov.br/sepin. Acesso em dezembro de 2008.

SIC. SECRETARIA DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE GOIÁS. **Entrevista sobre incentivos fiscais – Fomentar e Produzir.** 30 de novembro de 2009.

SILVA, E. R. da. **A Economia Goiana no Contexto Nacional: 1970-2000.** 2002. 198 p. Dissertação em Economia, Universidade Estadual de Campinas: Campinas / São Paulo, 01 de outubro de 2002.

Recebido para publicação em setembro de 2010
Aprovado para publicação em dezembro de 2010